
Capítulo 1

O contrato

Helena Duarte nunca tinha entrado num lugar onde o silêncio parecesse tão caro.

Desde o portão de ferro até a escadaria principal da mansão, tudo parecia limpo demais, alinhado demais, frio demais. Como se ninguém morasse ali de verdade. Como se a casa existisse apenas para ser admirada de longe, e temida de perto.

Ela apertou a alça da bolsa com mais força ao subir os degraus.

O vestido que usava era simples. Bege, sem detalhes, bem cortado, comprado para parecer digno sem parecer ousado. Os sapatos já começavam a incomodar, mas Helena ignorou. Tinha aprendido cedo que desconforto não era motivo para fraqueza. Era só mais uma coisa a suportar em silêncio.

A porta foi aberta antes que ela tocasse a campainha.

Um homem de terno preto inclinou a cabeça.

- Senhora Duarte.

Helena travou por dentro ao ouvir “senhora”. Ainda não era. Mas, ao que tudo indicava, faltava pouco para deixar de ser apenas Helena Duarte e passar a carregar um sobrenome que nem sequer conseguia pronunciar sem estranheza.

- Pode entrar. Estão esperando.

Estão esperando.

Não “o senhor está esperando”.

Não “Dante Vasconcellos a aguarda”.

Estão.

Aquilo bastou para apertar seu estômago.

Ela entrou.

O hall principal tinha mármore claro, lustres altos e um perfume leve no ar, como se até o cheiro daquela casa tivesse sido treinado para não se impor. Nenhum retrato infantil. Nenhuma

bagunça esquecida. Nenhum sinal de vida espontânea. Tudo ali parecia dizer a mesma coisa: controle.

Helena reconheceu isso no instante em que o viu.

Dante Vasconcellos estava de pé diante da lareira apagada, com uma das mãos no bolso do paletó escuro. Alto, postura impecável, expressão serena. Não sorria, mas também não parecia hostil. Era pior. Parecia alguém que havia decidido, com antecedência, como cada segundo daquela conversa aconteceria.

Ele se aproximou sem pressa.

- Helena.

A voz dele era grave, contida. Sem calor excessivo. Sem doçura falsa.

- Senhor Vasconcellos.

Os olhos dele pararam nos dela por tempo suficiente para ser desconfortável.

- Depois de hoje, esse tratamento vai ficar estranho.

Helena sustentou o olhar.

- Ainda não acabou o dia.

Uma sombra de aprovação quase passou pelo rosto dele. Quase.

- Não. Ainda não.

O homem de terno indicou a sala ao lado. Havia uma mesa longa, documentos organizados, duas canetas idênticas e uma mulher de aparência severa sentada à cabeceira. Advogada, certamente. Ao lado dela, um tabelião. Tudo legal, tudo impecável, tudo limpo por fora. Como veneno servido em taça de cristal.

Helena respirou fundo e sentou-se.

Dante ocupou a cadeira ao lado, perto o bastante para que ela percebesse o perfume amadeirado dele, discreto e firme. Não a tocou. Não tentou parecer íntimo. Aquilo, estranhamente, a deixou mais alerta do que teria deixado um gesto invasivo.

A advogada começou a explicar os termos com frieza burocrática.

Casamento civil válido por um ano.

Residência conjunta obrigatória.

Participação em eventos familiares e sociais quando solicitado.

Sigilo absoluto sobre assuntos internos da família.

Compensação financeira mensal.

Quitação integral da dívida relacionada à propriedade da família Duarte após a assinatura e oficialização do vínculo.

Helena ouviu tudo com a postura reta, as mãos imóveis sobre o colo. Não queria parecer desesperada. E estava, mesmo que não admitisse nem diante do espelho.

A casa da mãe dependia daquilo. A dívida deixada pelo tio irresponsável dependia daquilo. O pouco que ainda restava de dignidade concreta dependia daquele papel.

A advogada virou a última página.

- Há uma cláusula adicional de conduta.

Helena ergueu os olhos.

- Que tipo de conduta?

Foi Dante quem respondeu.

- Discrição. Lealdade. E ausência de curiosidade desnecessária.

Ela virou o rosto para encará-lo.

- Curiosidade desnecessária é uma expressão vaga.
- Foi pensada para ser.

O silêncio que veio depois foi fino como fio de faca.

Helena segurou a resposta mais ríspida que lhe subiu à garganta. Precisava daquele acordo. Precisava sair dali com a casa salva. Precisava fazer o que mulheres como ela sempre fizeram quando o mundo apertava: engolir o veneno devagar e manter a cabeça erguida.

- E se eu achar alguma coisa que me diga respeito? - perguntou.

Dante não desviou os olhos.

- Nesse caso, eu mesmo vou decidir se lhe diz respeito.

Aquilo deveria tê-la feito levantar e ir embora.

Não fez.

Porque a pobreza, Helena sabia, não deixa muito espaço para orgulho luxuoso. Gente sem dinheiro raramente pode escolher a forma ideal de ser ferida.

Ela pegou a caneta.

A advogada apontou a linha de assinatura.

Helena leu mais uma vez o nome completo no topo da folha e sentiu o peso daquela realidade absurda: estava prestes a se casar com um homem que mal conhecia, numa família que não inspirava confiança, em troca da sobrevivência do que ainda chamava de lar.

Quando assinou, não sentiu alívio.

Sentiu que havia entrado em alguma coisa que não terminaria no prazo escrito.

Dante assinou depois dela, com movimento firme, elegante, quase indiferente. Como se casamento fosse só mais um item administrativo da tarde.

O tabelião recolheu os papéis. A advogada se levantou. O homem de terno abriu a porta. Em poucos segundos, todos começaram a sair, como se o ato principal já tivesse acabado.

Só os dois ficaram na sala.

Helena se levantou devagar.

- Então é isso?
- Não - disse Dante.

Ela esperou.

Ele tirou algo do bolso interno do paletó e colocou sobre a mesa.

Era uma chave antiga. Escura, trabalhada em metal gasto.

- O que é isso?
- Um teste.

Helena não tocou.

- Que tipo de teste?
- O tipo que me diz quem eu trouxe para dentro da minha casa.

Ela ergueu o queixo.

- E o que faz você pensar que eu aceitei ser testada?

Dante inclinou levemente a cabeça, quase num gesto de respeito.

- Nada. Mas você aceitou entrar.

Helena olhou para a chave, depois para ele.

- Essa casa tem quantos segredos?
- Mais do que você gostaria.
- E quantos envolvem meu nome?

Desta vez ele demorou um pouco mais para responder.

- Essa é a pergunta certa.

O sangue de Helena gelou, embora o rosto continuasse calmo.

- Eu não entendi.
- Vai entender.

Ela recuou um passo.

- Se isso for algum tipo de jogo...
- Não é jogo, Helena.

A forma como ele disse o nome dela fez a sala parecer menor.

- Jogos acabam quando alguém perde o interesse. Isso aqui não vai acabar tão cedo.

Ela odiou o efeito daquela frase. Odiou mais ainda perceber que parte dela queria entender o que havia por trás daquele homem impossível de ler.

Helena pegou a chave.

O metal estava frio.

- O que ela abre?
- Uma porta que nunca deveria ter sido fechada.

Ela franziu a testa.

- E por que me dar isso agora?

Dante a observou em silêncio por um instante longo demais.

Quando respondeu, a voz saiu ainda mais baixa.

- Porque, a partir de hoje, há pessoas nesta casa que vão sorrir para você no jantar... e pensar em como seria mais seguro vê-la morta.

Helena ficou imóvel.

O mundo inteiro pareceu se afastar um centímetro.

- Isso é uma ameaça?

- Não. É a única honestidade que você vai receber hoje.

Do lado de fora da sala, passos começaram a ecoar no corredor.

Dante endireitou o paletó como se nada tivesse acontecido.

- Guarde a chave. E não confie em ninguém que a trate bem demais.
- Incluindo você?

Os olhos dele finalmente revelaram alguma coisa. Não ternura. Não culpa.

Perigo.

- Principalmente em mim.

A porta se abriu.

Uma mulher elegante, com sorriso perfeito e olhos frios, surgiu no batente.

- Dante, a família já está reunida. Todos querem conhecer a nova esposa.

Helena fechou a mão em torno da chave escondida.

Nova esposa.

A palavra soou errada. Pesada. Prematura.

Mas foi outra coisa que a atravessou de verdade.

Atrás da mulher, no fim do corredor, havia um grande espelho dourado.

E, refletido nele por apenas um segundo, Helena viu uma porta entreaberta que não estava ali quando entrou.

Do outro lado, pendurado na parede escura, havia um retrato.

De uma mulher que tinha o rosto quase igual ao dela.
